

CRAVEIRINHA em poesia: seleção de poemas do autor

África

Em meus lábios grossos fermenta
a farinha do sarcasmo que coloniza minha Mãe África
e meus ouvidos não levam ao coração seco
misturado com o sal dos pensamentos
a sintaxe anglo-latina de novas palavras.

Amam-me com a única verdade dos seus evangelhos
a mística das suas missangas e da sua pólvora
a lógica das suas rajadas de metralhadora
e encham-me de sons que não sinto
das canções das suas terras
que não conheço.

E dão-me
a única permitida grandeza dos seus heróis
a glória dos seus monumentos de pedra
a sedução dos seus pornográficos Rolls Royce
e a dádiva quotidiana das suas casas de passe.
Ajoelham-me aos pés dos seus deuses de cabelos lisos
e na minha boca diluem o abstracto
sabor da carne de hóstias em milionésimas
circunferências hipóteses católicas de pão.

E em vez dos meus amuletos de garras de leopardo
vendem-me a sua desinfectante benção
a vergonha de uma certidão de filho de pai incógnito
uma educativa sessão de «strip-tease» e meio litro
de vinho tinto com graduação de álcool de branco
exacta só para negro
um gramofone de magaiça
um filme de heróis de carabina ao vencer traiçoeiros
selvagens armados de penas e flechas
e o ósculo das balas e aos gases lacrimogéneos
civiliza o meu casto impudor africano.

Efígies de Cristo suspendem ao meu pescoço
rodelas de latão em vez dos meus autênticos
mutovanas da chuva e da fecundidade das virgens
do ciúme e da colheita de amendoim novo.
E aprendo que os homens que inventaram
A confortável cadeira eléctrica
a técnica de Buchenwald e as bombas V2
acenderam fogos de artifício nas pupilas
de ex-meninos vivos de Varsóvia
criaram Al Capone, Hollywood, Harlem
a seita Ku-Klux Klan, Cato Mannor e Sharpeville
e empenharam o pássaro que fez o choco
sobre o ninho morno de Hiroshima e Nagasaki
conheciam o segredo das parábolas de Charlie Chaplin
lêem Platão, Marx, Gandhi, Einstein e Jean-Paul Sartre
e sabem que Garcia Lorca não morreu mas foi
assassinado
são os filhos dos santos que descobriram a Inquisição
perverteram de labaredas a crucificada nudez
da sua Joana D'Arc e agora vêm
arar os meus campos com charruas «made in Germany»
mas já não ouvem a subtil voz das árvores
nos ouvidos surdos do espasmo das turbinas
não lêem nos meus livros de nuvens
o sinal das cheias e das secas
e nos seus olhos ofuscados pelos clarões metalúrgicos
extinguiu-se a eloquente epidérmica beleza de todas
as cores das flores do universo
e já não entendem o gorjeio romântico das aves de casta
instintos de asas em bando nas pistas do éter
infalíveis e simultâneos bicos trespassando sôfregos
a infinta côdea impalpável de um céu que não existe.
E no colo macio das ondas não adivinham os vermelhos
sulcos das quilhas negreiras e não sentem
como eu sinto o prenúncio mágico sob os transatlânticos
da cólera das catanas de ossos nos batuques do mar.
E no coração deles a grandeza do sentimento

é do tamanho cow-boy do nimbo dos átomos
desfolhados no duplo rodeo aéreo do Japão.

Mas nos verdes caminhos oníricos do nosso desespero
Perdoem-lhes a sua bela civilização à custa do sangue
ouro, marfim, amens
e bíceps do meu povo.

E ao som másculo dos tantãs tribais o eros
do meu grito fecunda o húmus dos navios negreiros...
E ergo no equinócio da minha Terra
o moçambicano rubi do mais belo canto xi-ronga
e na insólita brancura dos rins da plena Madrugada
a necessária carícia dos meus dedos selvagens
é a táctica harmonia de azagaias no cio das raças
belas como altivos falos de ouro
erectos no ventre nervoso da noite africana.

(*Xigubo*. Maputo: AEMO, 1995, pp. 10-12)

Manifesto

Oh!
Meus belos e curtos cabelos crespos
e meus olhos negros como insurrectas
grandes luas de pasmo na noite mais bela
das mais belas noites inesquecíveis das terras do Zambeze.

Como pássaros desconfiados
incorruptos voando com estrelas nas asas meus olhos
enormes de pesadelos e fantasmas estranhos motorizados
e minhas maravilhosas mãos escuras raízes do cosmos
nostálgicas de novos ritos de iniciação
duras da velha rota das canoas das tribos
e belas como carvões de micaia
na noite das quizumbas
E minha boca de lábios tímidos

cheios da bela viribildade ímpia de negro
mordendo a nudez lúbrica de um pão
ao som da orgia dos insectos urbanos
apodrecendo na manhã nova
cantando a cega-rega inútil das cigarras obesas.
Oh! e meus dentes brancos de marfim espoliado
puros brilhando na minha negra reincarnada face altiva!
e no ventre maternal dos campos da nossa indisfrutada colheita
de milho
o cálido encantamento selvagem da minha pele tropical.

Ah! E meu
corpo flexível como o relâmpago fatal da flecha de caça
e meus ombros lisos de negro da Guiné
e meus músculos tensos e brunidos ao sol das colheitas e da carga
na capulana austral de um céu intangível
os búzios de gente soprando os velhos sons cabalísticos de África.

Ah!
o fogo
a lua
o suor amadurecendo os milhos
a irmã água dos nossos rios moçambicanos
e a púrpura do nascente no gume azul dos seios das montanhas

Ah, Mãe África no meu rosto escuro de diamante
de belas e largas narinas másculas
frementes haurindo o odor florestal
e as tatuadas bailarinas macondes
nuas
na bárbara maravilha eurítmica
das sensuais ancas puras
e no bater unísono dos mil pés descalços.

Oh! e meu peito da tonalidade mais bela do breu
e no embondeiro da nossa inaudita esperança gravado
o totem mais invencível tótem do Mundo

e minha voz estentória de homem do Tanganhica
do Congo, Angola, Moçambique e Senegal.
Ah! Outra vez eu chefe zulo
eu azagaia banto
eu lançador de malefícios contra as insaciáveis
pragas de gafanhotos invasores

Eu tambor
Eu suruma
Eu negro suaíli
Eu Tchaca
Eu Mahazul e Dingana
Eu Zichacha na confiança dos ossinhos mágicos do Tintholo
Eu insubordinada árvore da Munhuana
Eu tocador de presságios nas teclas das timbila chopes
Eu caçador de leopardos traiçoeiros
Eu xiguilo no batuque

E nas fronteiras de águas do Rovuna ao Incomáti
Eu-cidadão dos espíritos das luas
carregadas de anátemas de Moçambique.

(XIGUBO. Maputo: AEMO,1995, pp. 29-31)

Mamanô

Voz de mufana
alargou a cidade com seus soluços de acusação.
pequeno xipocué
passou varando a noite algodoada de cacimba
a alma de órfã de mãe viva
Espezinhada!
Espezinhada!
Espezinhada!
E toda a sina atirada desesperadamente
num grito cheio como a sua vida:

– Mamanôô...! Mamanôô...!”

Cidade

Aonde vai o negrinho na noite
perdido na escuridão branca e maldita
(escuridão branca e maldita mil vezes maldita)
embrulhado no quente casaco de lã chamando cacimba
o vapor apitando no frenesi da partida
e os porões pejados de obscuros
filões vivos?

Cidade:

que é do negrinho quase nu
quase nu a chamar – ‘Mamanôô...! Mamanôô...!
descalço e solitário”comigo
naquela noite fatal de deportação
em que a angústia africana negra atravessou a ponte-cais
cobriu a cidade com a sua voz
e ninguém a ouviu descabaçando o silêncio
dos grandes prédios de cimento armado?

Cidade:

aonde está o órfão de mãe ainda viva
quase vestido quase morto
quase nu
pequeno xipocué chamando na nossa língua
– Ô ... Mamanôô...! Mamanôô...!
naquela noite fatal que exportou
duzentos e vinte e cinco homens
e cinquenta e três mulheres
para as roças de S. Tomé?

(*Xigubo*. Maputo: AEMO, 1995, pp. 38-39)

Karingana ua karingana

Este jeito
de contar as coisas
à maneira simples das profecias
– Karingana ua karingana
é que faz a arte sentir
o pássaro da poesia.

E nem
de outra forma se inventa
o que é dos poetas
nem se transforma
a visão do impossível
em sonho do que pode ser.

– Karingana!

(Karingana ua karingana. Lourenço Marques: Edição da Académica, 1974, p. 3)

Ao meu belo pai ex-imigrante

Pai:
As maternas palavras vivem e revivem
no meu sangue
e pacientes esperam ainda a época de colheita
enquanto soltas já são as tuas
sementes naturais de emigrante português
espezinhadas no passo de marcha
das patrulhas de sovacos suando
as coronhas de pesadelo.

E na minha rude e grata sinceridade
não esqueço
meu falecido português puro

que geraste no ventre da tombrasana ingénua
um novo Moçambique
semiclaro para não ser igual a um ariano qualquer
e seminegro para jamais renegar
um glóbulo que seja dos Zambezes do meu signo!

E agora
para além do meu amigo Jimmy Durante a cantar
E a rir-se sem nenhuma alegria na voz roufenha
Subconsciência dos porquês de Buster Keaton sorumbático
Achando que não valia a pena fazer cara alegre
e um algarve de amendoeiras florindo na outra costa
ante os meus sócios Bucha e Estica no ‘ecran’ todo branco
e para sempre um zinco tap-tap de cacimba no chão
e minha Mãe agonizando na esteira em Michafutene
enquanto tua voz serena profecia paternal: - «Zé;
quando eu fechar os olhos não terás mais ninguém».

Oh, Pai
Juro que em mim ficaram laivos
Do luso-arábico Aljezur da tua infância
mas amar por amor só amo
e somente posso e devo amar
esta minha bela e única nação do Mundo
onde minha mãe nasceu e me gerou
E onde ibéricas heranças de fados e broas
se africanizaram para a eternidade nas minhas veias
o teu sangue se moçambicanizou nos torrões
da sepultura de velho emigrante numa cama de hospital
colono tão pobre como desembarcaste em África
meu belo Pai ex-português

Pai:
O Zé de cabelos crespos e aloirados
Não sei como ou antes por tua culpa
O “Trinta-diabos” de joelhos esfolados nos mergulhos
À Zamora nas balizas dos estádios descampados
avançado-centro de “bicicleta” à Leónidas no capim

mortífera pontaria de fisga na guerra aos gala-galas
embasbacado com as proezas dos leões do Circo Pagel
nódoas de caju na camisa e nos calções de caqui
campeão de corridas no “xitututo” Harley Davidson
os fundilhos dos calções avermelhados nos montes
do desportivo nas gazetas à doca dos pescadores
para salvar a rapariga Maureen o”Sullivan das mandíbulas
afiadas dos jacarés do filme de Tarzan Weissemuller
os bolsos cheios de tingolé da praia
as viagens clandestinas nas traseiras gã-galhã-galhã
do carro elétrico e as mangas verdes com sal
sou eu, pai, o sontinho, o “Cascabulho” para ti
e Sontinho para minha Mãe
todo maluco de medo das visões alucinantes
de Lon Chaney com muitas caras

Pai:

Ainda me lembro bem do teu olhar
E mais humano o tenho agora na lucidez da saudade
Ou teus versos de improviso em loas à vida escuto
E também lágrimas na demência dos silêncios
Em tuas pálpebras revejo nitidamente
Eu, Buck Jones no vaivem dos teus joelhos
Dez anos de alma nos olhos cheios da tua figura
Na dimensão desmedida do meu amor por ti
Meu belo pai algarvio bem moçambicano!

E choro-te:

chorando-me mais agora que te conheço
a ti, meu Pai vinte e sete anos e três meses depois
dos carros na lenta procissão do nosso funeral
mas só Tu no caixão de funcionário aposentado
nos limites da vida
e na íris do meu olhar o teu lívido rosto
ah, e nas tuas olheiras o halo cinzento do Adeus
e na minha cabeça de mulatinho os últimos
afagos da tua mão trémula mas decidida sinto
naquele dia de visitas na enfermaria do hospital central.

E revejo os teus longos dedos no dirlim-dirlim da guitarra
ou o arco deslizando no violino da tua aguda tristeza
nas noites abafadas dos nossos índicos verões
tua voz grave recitando Guerra Junqueiro ou Antero
e eu ainda Ricardito, Douglas Fairbanks e Tom Mix
todos cavalgando e aos tiros menos Tarzan analfabeto
e de tanga na casa de madeira-e-zinco
da estrada de Zichacha onde eu nasci.

Pai:

Afinal tu e minha mãe não morreram ainda bem
mas sim os símbolos Texas Jack vencedor dos índios
o Tarzan agente disfarçado em África
e a Shirley Temple de sofisma nas covinhas da face
e eu também é que mudamos.
fantásticas aventuras do Rin-Tin-Tin
E alinhavadas palavras como se fossem versos
bandos de sécuas ávidos sangrando grãos de sol
no tropical silo de raivas eu deixo nesta canção
para ti, meu Pai, minha homenagem de caniços
agitados nas manhãs de bronze
chorando gotas de uma cacimba de solidão nas próprias
almas esguias hastes espetadas nas margens das húmidas
ancas sinuosas dos rios

E nestes versos te escrevo, meu Pai
por enquanto escondidos teus póstumos projectos
mais belos no silêncio e mais fortes na espera
porque nascem e renascem do meu não cicatrizado
ronga-ibérico mas afro-puro coração
E fica a tua prematura a beleza realgarvia
quase revelada nesta carta elegia para ti
meu resgatado primeiro ex-português
número UM moçambicano !

(*Karingana ua karingana*. Lourenço Marques: Edição da Académica, 1974,
pp.90-93)

MAMANA SAQUINA

Mamana Saquina
na miragem deslumbrante da cidade cosmopolita
ficou cheia de feitiço
na hora de chorar
– Ambanine João

Mamana Saquina
ficou prenha de comboio na recordação
embrulhada na cantiga do aço contra o aço
no ritmo João Tavasse-foi-nas-minas...
João Tavasse-foi-nas-minas
João Tavasse-foi-nas-minas
João Tavasse-foi-nas-minas.

(Naquela manhã africana nas folhas dos cajueiros
João Tavasse foi escrever nome na administração)

E mamana Saquina
ficou na terra de Chibuto
com mamana Rosalina e cocuana Massingue
e dez hectares de planície
para semente de concessionária
cair no chão e florir.

E noite e dia
alma de mamana Saquina vestiu capulana de pesadelo
e fundiu-se nos dez hectares em floração.

(E João Tavasse
não voltou mais na administração)

E quando
comboio de magaíza deitou fumo e arrancou
nos êmbolos sua voz rezou:

João Tavasse-foi-nas-minas
João Tavasse-foi-nas-minas
João Tavasse-foi-nas-minas
e mamana Saquina beleca o filho
rasga terra do milho rasga
e faz milagre de cento e cinquenta e cinco
sacos de algodão.

(Karingana ua karingana. Lourenço Marques: Edição da Académica, 1974, pp. 74-75)

O meu preço

Eu cidadão anónimo
do País que mais amo sem dizer o nome
se é para me dar de corpo e alma
dou-me todo como daquela vez em Chaimite.
Dou-me em troca de mil crianças felizes
nenhum velho a pedir esmola
uma escola em cada bairro
salário justo nas oficinas
filas de camiões carregados de hortaliças
um exército de operários todos com serviço
um tesouro de belas raparigas maravilhando as praias
e ao vento da minha terra uma grande bandeira sem quinas.

Se é para me dar
dou-me de graça por conta disso.

Mas se é para me vender
vendo-me mas vendo-me muito caro.

Ao preço incondicional
de quanto me pode custar este poema.

(Cela 1. Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980, p. 43)

Pena

Zangado
acreditas no insulto
e chamas-me negro.

Mas não me chames negro.

Assim Não te odeio.
Porque se me chamas negro
encolho os meus elásticos ombros
e com pena de ti sorrio.

(*Cela 1*. Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980, p. 62)

Poema à unha

No som
da tua ciciada voz
estás comigo
toda nua.

A tua imagem
é de nitrato nas minhas falanges
nas noites em que o mundo a toda à volta
mede-se na solidão obscenizada.
Nua como te vejo
de mãos comprimindo-me as espáduas
pede por nós que estamos ausentes
sem partirmos.

Pede por nós
a cochicharmos atrás das janelas
intensos como profecias
ou pragas insoletráveis na boca dum morto

E cadaverizados
é fantástico como nos movemos terríveis
no facto incontestável de sobrevivência.
E sem um lápis
até somos capazes de escrever
na cal das paredes os versos
profanos em caligrafia à unha
quase como um poema.

Este
por exemplo
meu amor!

(*Cela 1*. Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980, pp. 53-54)

Forrobodó

Ao forrobodó dos tiroteios
e chispar das catanadas
eles devem ter gritado.

Da viatura em chamas
o eco dormiu nos braços do asfalto
seu mais pesado sono.

Do forrobodó um quase nada:

Apenas o acre odor dos restos
no tempo grelhado.

(*Babalaze das hienas*. Maputo: AEMO, 1997, p. 21)

Trouxa de 8 couves

Sra. D. Josefina Amélia dos Prazeres Santos Tembe
viajando no tejadilho do calhambeque “Chapa 100”
ia à cidade de Mpauto vender
uma trouxa de 8 couves
quando aquele frufu
da rajada não deixou.

(Babalaze das hienas. Maputo: AEMO, 1997, p. 46)

Prémio

Constantes alertas.
Gestos acautelados.
Palavras comedidas.
Segredadas conversas.

E meus papéis escondidos no meio das rusgas?
E terceiros ouvidos nos telefonemas?
E olhares de esquelha em cada esquina?
E marmitas revistadas nos dias de visita?

Como custa reter-te atormentada neste poema!

(Maria. Maputo: Njira, 1998, p. 136)

As olheiras

Do meu relógio de pulso os ponteiros
situam 3 horas da manhã no Mayombe
a espreguiçar-se em minhas tismadas
olheiras Maria de Lurdes.

Sem o supracitado condão do Pepetela
e a susodita minha Maria

saberm de nada
preenchendo
a insónia.

Com um gole d'água e 10mg de diazepam
mal ou bem não haveria estas olheiras.

Somente o velório
Pestanejando longe no Mayombe.

(Maria. Maputo: Njira, 1998, p. 229)

O bule e o blue

Seu
bule na mão
encho a chávena de chá.

Provo um gole.
Ergo-me quase ao tecto
Um doirado anjo em ritmo blue
A teclar piano num arco-iris do Céu.

Oh! Bessie Smith, oh! Bessie Smith!

Era aquele o bule
do chá que Maria tomava.

Oh! Ponho-me blue na voz
de Bessie Smith, oh! Ponho-me blue
na voz de Bessie Smith!

Fulgentes asas de andorinhas batem palmas
Oh! Batem palmas os blues das andorinhas ...

Oh! Bessie Smith, oh! Bessie Smith!

Sou um anjo doirado bamboleando blue
blue
blue
Oh! Bessie Smith, oh! Bessie Smith!
Era aquele o bule
do chá que a Maria tomava
como quem escuta um blue.

Mais um gole ó Zé mais um gole de chá
Mais um gole para seres um anjo blue bamboleando
Nas teclas do piano de arco-iris no palco do Céu
Lá onde Maria vive o Éden merecido.

Oh! Bessie Smith!
Oh! Bessie Smith!

O mundo está blue
blue
blue!

(*Maria*. Maputo: Njira, 1998, pp. 205-206)

Olá, Maria

Tristonho cão sarnento
metáforas de infortúnio
latindo
na memória.

É quando se me incrustam nirvanas
e a evocação dos sagrados nomes
em nossas almas inesquecem
como por exemplo quando digo:

Olá, mestre Cervantes
o do Quixote de la Mancha

Olá, Miguel Ângelo
o da Pietá.
Olá, Luís de Camões
o dos Lusíadas
Olá Drummond, olá Manuel Bandeira
e olá, Graciliano Ramos o trio
avançado no time do Tiradentes
E
Olá, Pablos: o do Chile
outro da Guernica
e outro do violoncelo.
Olá, ilustre Charles Gounod
o da Ave Maria.
Ou...
Olá, insigne Duke Ellington
o de uma Cabana no Céu.
E também
Olá, Mano Gabriel Garcia Marques
o dos Cem Anos de Solidão.

E neste meu desabafo
ergo minha mais justa confissão:
– Olá, minha querida Maria
imerecida esposa toda a vida
de um tal Zé Craveirinha.

(*Maria*. Maputo: Ndjira, 1998, pp. 115-116)